

# UMA MANHÃ DE LAZER PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA MOTORA

Joslei Viana de Souza

Lívia de Paula Trondoli

Eduarda Letícia Coutinho Magalhães

Nathália Silva Palma

Camila Fabiana Rossi Squarcini

*Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC*

## INTRODUÇÃO

O processo de inclusão vem sendo discutido e implementado desde a década de 80 (MAZZOTTA; DÁNTINO, 2011) e traz como premissa a defesa de uma sociedade que deve oferecer condições para que todas as pessoas tenham a possibilidade de ser um agente ativo, principalmente, no que diz respeito à participação social das pessoas com deficiências. É importante ressaltar que a inclusão é um paradigma que opera nos mais diversos espaços físicos e simbólicos (CAMARGO, 2017), desta forma as ações inclusivas devem acontecer efetivamente em todos os aspectos da vida do indivíduo, tais como educação, trabalho, lazer, entre outros.

No que diz respeito ao lazer, de modo geral, podemos dizer que as atividades estão basicamente atreladas a três quesitos: prazer, escolha e tempo livre (ALVES, 2014). Desta forma, entende-se que as práticas de lazer devem estar diretamente associadas às sensações de bem-estar independentemente da vontade de terceiros, sendo dissociado das atividades de caráter obrigatório. Para Dumazedier (1973) o lazer é fundamental para a sociedade moderna uma vez que proporciona benefícios como, por exemplo, o descanso, o divertimento e a sociabilização.

Ainda no que tange ao âmbito do lazer, mais especificamente, no que se refere ao interesse físico esportivo, no paradigma da inclusão, o esporte se apresenta não só como ferramenta de sociabilização, mas também como um meio de oferecer as pessoas com deficiência oportunidades que frequentemente são impossíveis frente as barreiras físicas, ambientais e sociais (ALVES; DUARTE, 2005). Os benefícios dessa prática são visíveis ao nível

da qualidade de vida, e isso tem cada vez mais estimulado a atuação de pessoas com deficiência em programas de atividades físicas e esportivas (RODRIGUES; LIMA, 2014).

De acordo com Sasaki (1999) as pessoas com deficiência necessitam vivenciar momentos prazerosos, que as vezes está abaixo dos oferecidos pela sociedade, mas necessários para o desenvolver pessoal, no que se refere as habilidades motoras, a autoestima e até mesmo a independência, favorecendo assim a inclusão social. Pois, em tempos nos quais o respeito aos direitos humanos é proeminente, espera-se que a sociedade modifique seu caráter excludente, não só pela infraestrutura, mas também pelo acesso a atitudes e a programas utilizados (SASSAKI, 2000).

Sendo assim, é possível evidenciar a importância da criação de projetos e iniciativas que possibilitem momentos de lazer para todos os tipos de pessoas, visto que o lazer é um direito que por lei deve ser garantido a “todos”, e isto não exclui as pessoas com deficiência. Diante dessas considerações, as docentes e idealizadoras do evento, professoras Camila Squarcini e Joslei Souza propuseram aos graduandos do 6º semestre do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) a execução de um evento intitulado: “Manhã de lazer para pessoas com deficiência motora”, que tinha como objetivo proporcionar atividades de interesse físico esportivo voltadas para o lazer sob o paradigma da inclusão.

O evento ocorreu na UESC no dia 04 de dezembro de 2019, tendo como público alvo pessoas com deficiência motora de diferentes faixas etárias (de crianças a adultos), de ambos os sexos. Estas pessoas fazem parte do Centro Integrado de Inclusão Social (CENIS), instituição de pessoas com deficiência motora que possui sede na Zona Norte do município de Ilhéus (BA). O evento contou com cerca de 50 participantes, dentre eles: os integrantes do Centro acompanhados pelos seus familiares, as docentes, professores de Educação Física formados (atuaram comoicineiros) e os discentes (atuaram como monitores).

No que tange a realização das atividades, foram selecionadas três modalidades esportivas, sendo elas, basquete em cadeira de rodas, bocha adaptada e voleibol adaptado. A oficina de basquete em cadeira de rodas foi ministrada pelo professor (egresso) Rui Xavier, a bocha adaptada ficou sob responsabilidade dos professores (egressos) Tâmara Gabriella Cardoso e professor Tarcísio Bitencourt e da licencianda Livia Trondoli (ex bolsista Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, que trabalhou com essa temática), e o voleibol adaptado que foi ministrado pelo professor Maurílio Mattos (professor de Educação Física da Educação Básica que atua no Centro de Referência à Inclusão Escolar - Crie, de Ilhéus). O evento contou também com 16 monitores (discentes da referida disciplina) que trabalharam na organização do evento, semanas antes, fazendo a divulgação, realizando inscrições, separando

materiais e demais ações. No dia mais quatro pessoas estiveram presentes auxiliando os participantes durante as atividades (fotografando ou dando suporte). Vale ressaltar a participação e colaboração de oito monitores que eram discentes do curso de Educação Física da União Metropolitana de Educação e Cultura (UNIME), faculdade privada da região.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **Basquetebol em cadeira de rodas**

O basquetebol em cadeira de rodas é um esporte adaptado que, assim como os demais, visa apresentar melhorias significativas na vida de seus praticantes. De acordo com Freire (2010) o esporte é um método que proporciona aos indivíduos o alcance de uma afirmação e inclusão social, proporcionando melhora na qualidade de vida e na aquisição de habilidades que podem facilitar superar os desafios encontrados no cotidiano.

Assim, considerando a importância social que o basquete em cadeira de rodas apresenta, fez-se necessária a inserção do mesmo no projeto intitulado “manhã de lazer”.

As pessoas com deficiência física, selecionadas para praticar as atividades do basquete em cadeira de rodas, já possuíam algumas habilidades desenvolvidas, uma vez que vivenciaram a modalidade em outras oportunidades. No que tange o desenvolvimento da oficina, foi utilizada uma sequência lógica e pedagógica. O momento inicial correspondeu à socialização do grupo. Cada participante se apresentou e relatou para os demais qual a origem da sua deficiência. Após esse momento, iniciaram-se as atividades práticas.

A primeira delas consistiu na propulsão da cadeira de rodas nos sentidos frente e trás, objetivando estimular o controle da cadeira e a orientação espacial dos participantes visto que o jogo acontece em um ambiente delimitado.

Posteriormente, realizaram-se atividades que visaram desenvolver a finta. Assim, os participantes deveriam se deslocar seguindo os cones que estavam dispostos em “zig zag”. Conforme mostra a figura 1, nos Exercícios para execução do drible e para giros de 360°, também foram utilizados.



**Figura 1. Atividade envolvendo a propulsão da cadeira de rodas, Ilhéus, 2019. Foto concebida por Marcus Vinicius.**

Outra atividade desenvolvida foi a recuperação de bola, no qual o professor regente arremessava a bola e solicitava que um dos participantes se descolasse a fim de recuperá-la. Por fim, foi realizado o arremesso, em que os participantes se posicionavam em diversas posições da quadra para praticar (Figura 2).



**Figura 2. Arremesso no basquete em cadeira de rodas, Ilhéus, 2019. Foto concebida por Camila Squarcini.**

Finalizando, os participantes puderam praticar o jogo propriamente dito (Figura 3).



**Figura 3. O jogo de basquetebol em cadeira de rodas, Ilhéus, 2019. Foto concebida por Marcus Vinicius.**

### **Voleibol Adaptado**

O voleibol sentado é um esporte adaptado, este se apresenta como uma ferramenta colaborativa no processo inclusivo de pessoas com deficiência na prática desportiva. De acordo com Sanchotene (2017) essa prática surge como adaptação ao voleibol convencional, tendo os mesmos princípios do jogo. Suas regras não diferem muito entre si, mas no voleibol adaptado é levado em consideração as diferentes potencialidades das pessoas com deficiências.

Diante disso, o professor Maurílio Mattos, responsável por ministrar a oficina de voleibol sentado, desenvolveu atividades que possibilitassem o conhecimento das variações e adaptações existentes nas regras do voleibol adaptado, além de estimular a ajuda mútua e a inclusão social através desta prática esportiva, trabalhando a partir de suas possibilidades de movimentos e não na sua deficiência. Destaca-se que diferentemente do basquetebol em cadeira de rodas, nesta modalidade nenhum dos participantes a tinham vivenciado.

Assim sendo, a primeira atividade consistiu em exercícios de movimentação onde os participantes não poderiam retirar os glúteos do chão. Isto devido ao fato de que no voleibol sentado, durante o ato do movimento, as ações feitas, seja saque, bloqueio, ataque ou defesa, os jogadores devem manter os glúteos em contato com o solo o tempo todo, sendo exceção apenas em momentos de deslocamento.

Conforme os participantes foram compreendendo o objetivo dos exercícios propostos, foram apresentadas novas possibilidades de movimentos aumentando o grau de complexidade, trabalhando deslocamento, coordenação e movimentos com diferentes tipos de bola, conforme mostram as figuras 4, 5 e 6.



**Figura 4. Atividade de deslocamento sem a bola, preparando os participantes para o jogo de voleibol sentado, Ilhéus, 2019. Foto concebida por Marcus Vinicius.**



**Figura 5. Atividade de passe com uma bola adaptada (maior) para preparar os participantes para o toque do voleibol, Ilhéus, 2019. Foto concebida por Marcus Vinicius.**



**Figura 6. Manchete do voleibol sentado, Ilhéus, 2019. Foto concebida por Marcus Vinicius.**

No segundo momento, foi proposto atividades voltadas para os fundamentos, dando ênfase ao fundamento saque. Ao apresentar as diferentes possibilidades de sacar, considerando o saque por baixo (golpeando a bola de baixo para cima e para frente), e o saque

por cima (lançando a bola acima da cabeça e golpeando-a para frente), o mesmo explicou a maneira correta de se posicionar, uma vez que no voleibol sentado, ao sacar deve-se estar atento ao posicionamento dos glúteos (que devem estar posicionados anteriormente a linha de fundo correspondente ao saque, podendo as pernas estarem dentro de quadra).

Por fim, o grupo foi dividido em duas equipes contando com a participação de alguns monitores para que fosse possível a simulação do jogo propriamente dito (figura 7).



Figura 7. Jogo de voleibol sentado com pessoas com e sem deficiência física, Ilhéus, 2019. Foto concebida por Marcus Vinicius.

### Bocha adaptada

A bocha adaptada é um esporte realizado por pessoas de diferentes faixas etárias, com distintos graus de paralisia cerebral, podendo ser desenvolvida de forma lúdica, chegando até a ao alto rendimento (OLIVEIRA; KAWASHITA, 2015).

Sobre a modalidade esportiva, todos os atletas da bocha adaptada competem em cadeira de rodas. De acordo com a classificação funcional eles são divididos em quatro classes, conforme o grau de comprometimento da deficiência e da necessidade de auxílio. No caso dos atletas com maior grau de comprometimento, é permitido o uso de uma calha. Aqueles que apresentam tetraplegia, ou seja, que não conseguem movimentar os braços e as pernas, eles usam uma faixa ou capacete na cabeça com uma agulha na ponta para soltar a bola na calha. O “calheiro” (pessoa que segura a calha) posiciona a canaleta à sua frente para que ele empurre a bola pelo instrumento com a cabeça (COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO, 2020).

Esta modalidade, como Oliveira e Kawashita, (2015) apontaram, pode ser realizada de forma lúdica e foi o que ocorreu no projeto da “manhã de lazer”. A bocha adaptada foi realizada em três grupos, dois na quadra poliesportiva da UESC para os adultos, e foi executado sob orientação dos professores Tâmara e Tarcísio. Na sala multiuso do parque desportivo, foi

realizada a bocha para as crianças, sob a supervisão da Livia, discente do curso que na época do PIBID trabalhava com a bocha adaptada.

Na arte dos adultos, a primeira atividade consistia em aproximar a bola de uma corda que estava localizada no meio de quadra. Seguindo a lógica de introduzir jogos mais simples antes do esporte propriamente dito, foi realizado o jogo da velha onde os participantes deveriam lançar a bola objetivando formar uma linha na diagonal, na transversal ou na vertical. Além de trabalhar o lançamento de bola e o controle da força, pôde-se detectar nesta atividade a valorização do trabalho em equipe. A oficina da bocha para os adultos finalizou com o jogo sistematizado (Figura 8). Como o número de adultos foi grande para a bocha, os dois professores ministraram a aula concomitantemente e os monitores estavam à disposição para prestar auxílio e tutoria aos participantes.



**Figura 8. Arremesso da bola da bocha adaptada, praticado pelos adultos, Ilhéus, 2019. Foto concebida por Marcus Vinicius.**

Ao mesmo tempo, na sala de dança, ocorria a bocha para as crianças iniciando com alguns jogos pré - desportivos para depois eles realizarem o jogo propriamente dito. A primeira atividade consistiu em acertar as garrafas pet que foram postas em forma de boliche (Figura 9). Cada um recebeu duas bolas de tênis. As pessoas com maior comprometimento tinham como auxiliar a mãe e um dos monitores, que seguravam a calha.



**Figura 9. Jogo pré-desportivos da bocha adaptada para as crianças praticarem. Pode-se observar o calheiro auxiliando o arremesso da bola, Ilhéus, 2019. Foto concebida por Camila Squarcini.**

Destaca-se que na bocha adaptada (assim como nas demais modalidades desportivas) os discentes monitores auxiliaram com a montagem da quadra e vivenciaram as atividades que seriam desenvolvidas de modo que pudessem entender mais a fundo a dinâmica do jogo e suas regras. Posteriormente, eram responsáveis também por desmontar e guardar todos materiais.

Em seguida, foi feito um jogo o qual várias garrafas foram distribuídas pela sala. O objetivo era acertar a bola o mais próximo possível das mesmas, simulando a aproximação do jogo (Figura 10). Cada jogador recebeu 2 bolas do jogo de bocha e o lançamento ocorria de forma individual e sequenciado (um de cada vez).



**Figura 10. Jogo pré-desportivos de arremesso nas garrafas pet, Ilhéus, 2019. Foto concebida por Marcus Vinicius.**

Logo após foi realizado o jogo propriamente dito, foram divididos em equipe azul e equipe vermelha. Esse jogo teve como objetivo a vivência do esporte e suas regras, porém não foi incentivado a competição, mas sim a ludicidade e o entretenimento. Por fim, foi perceptível que a atividade do boliche foi a que as crianças mais se divertiram. Dessa forma, a professora decidiu repeti-la para que os jogadores pudessem desfrutar ainda mais daquele momento de lazer.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho teve como objetivo proporcionar atividades de interesse esportivo voltadas para o momento do lazer de pessoas com deficiência motora. Para isto, foi realizado um evento onde selecionou-se três modalidades esportivas (basquete sobre rodas, bocha e voleibol adaptado) de acordo com o interesse do grupo.

Vale afirmar que as atividades desenvolvidas nesse dia, trouxe aos discentes do curso participantes do evento um olhar mais consciente para as pessoas com deficiência. Há na atualidade uma série de movimentos sociais que visam a total inclusão deste público na sociedade. No entanto fica explícito, principalmente porque foi verbalizado pelos participantes com deficiência nesse dia que existe déficits no âmbito do lazer para o público em questão.

A partir disso, destaca-se que o esporte adaptado surge como uma ferramenta que oportuniza as pessoas com deficiência experimentarem sensações e movimentos, que correntemente são impossibilitados por diferentes barreiras, mas nada adianta se na cidade onde eles moram não há uma política que oportunize essas atividades.

Sobre os discentes do curso de Educação Física da UESC, a experiência contribuiu para vivenciar modalidades adaptadas, sensibilizar para as diferenças, compreender um pouco do cotidiano dos familiares e acima de tudo diminuir a barreira do desconhecimento. Enfim, na formação inicial, ter oportunidades de vivenciar a prática baseada em evidências, em teorias, contribui para aumentar a qualidade de atuação do futuro profissional. Por fim, sabe-se que ainda há muito a ser feito para a inclusão efetiva das pessoas com deficiência em programas de atividades físicas, no entanto iniciativas como esta contribuem bastante no que confere ao reconhecimento desses indivíduos.

## **REFERÊNCIAS**

ALVES, U. S. Lazer e saúde: discussões sob a ótica da Educação Física. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, v. 189, 2014.

ALVES, M. L. T.; DUARTE, E. A inclusão do deficiente visual nas aulas de educação física escolar: impedimentos e oportunidades. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, v. 27, n. 2, p. 231-237, 2005.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. *Bocha*. Disponível em <https://www.cpb.org.br/modalidades/51/bocha>. Acesso em 15 abr. 2020.

DUMAZEDIER, J. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

CAMARGO, E. P. de. Inclusão social, educação inclusiva e educação especial: enlaces e desenlaces. *Ciência & Educação (Bauru)*, v. 23, n. 1, p. 1-6, 2017.

MAZZOTTA, M. J. da S.; D'ANTINO, M. E. F. Inclusão social de pessoas com deficiências e necessidades especiais: cultura, educação e lazer. *Saúde e Sociedade*, v. 20, n. 2, p. 377-389, 2011.

RODRIGUES, M. N.; LIMA, S. R. Atividades motoras aquáticas na coordenação corporal de adolescentes com deficiência intelectual. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 36, n. 2, 2014.

SASSAKI, R. K. A inclusão nos esportes, turismos, lazer e recreação. In: SASSAKI, R. K. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. 3. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1999. p.91-103.

SASSAKI, R. K. *Implicações do paradigma da inclusão para o emprego de pessoas com deficiência*. *Inclusão dá trabalho*. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 2000. p. 82-110.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. [acesso em 05/02/2020]. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/modalidades/51/bocha>

OLIVEIRA, A. F. L.; KAWASHITA I. M. S. Bocha Paralímpica: concepção de pais e profissionais. *FIEP Bulletin*, v. 85, 2015.

## NOTA SOBRE AUTORES

### **Joslei Viana de Souza**

Professora do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC, e-mail: josleisouza31@gmail.com

### **Livia de Paula Trondoli**

Licencianda em Educação Física pela Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC. e-mail: livia\_trondoli@hotmail.com

### **Eduarda Letícia Coutinho Magalhães**

Licenciando em Educação Física pela Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC. e-mail: eduarda.25magalhaes@gmail.com

**Nathália Silva Palma**

Licenciada em Educação Física pela Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC.

E-mail: palma@hotmail.com

**Camila Fabiana Rossi Squarcini**

Professora do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Santa Cruz-

UESC, e-mail: cfrsquarcini@uesc.br